

Cruzeiro Seixas

&

Valter Hugo Mãe

Colaborativa.mente

curadoria: Carlos Cabral Nunes

25 de abril a 16 de junho, 2018



Seixas
Hugo
Mãe



Cruzeiro Seixas

A noite sem fim

Têmpera e tinta da china s/ papel,

43 x 30,5 cm, 1977

Capa: **Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe**

Sem Título, Técnica mista s/ papel, 50 x 71 cm, 2018

Com inauguração marcada para 25 de abril, dia onde a Liberdade se consagra como valor cimeiro na história do nosso país, a exposição “Colaborativa.mente dá a conhecer o resultado do encontro entre Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe, nomes cimeiros da cultura portuguesa contemporânea, colocando em destaque um núcleo inédito de 6 obras realizadas em processo de composição conjunta. Na Casa da Liberdade - Mário Cesariny.

Inspirados pelos processos participativos, recorrentes entre os membros do movimento surrealista - acérrimos amantes do acaso objetivo, do automatismo psíquico puro e das manifestações do inconsciente enquanto forma impulsionadora da produção artística, os dois autores empreenderam, para esta exposição, um caminho criativo conjunto, onde é possível ressaltar a importância do papel da sensibilidade poética que inquestionavelmente os une. Embora Cruzeiro Seixas se tenha celebrizado como autor de uma obra eminentemente mais plástica, é também pública e declarada a sua especial devoção pela poesia como forma de expressão. Da poesia não é apenas autor como, tantas vezes, dela que faz uso para definir a sua pintura.

Numa posição diametralmente oposta, foi através de uma compósita diversidade de obras no campo da produção literária e poética que Valter Hugo Mãe se tornou, aos

olhos do público, um dos mais destacados autores portugueses da atualidade. Foi essa a dimensão que o uniu primeiramente a Cruzeiro Seixas, cuja obra poética editou, em tempos, enquanto cofundador das edições Quasi. Uma obra plástica floresce, no entanto, também, nos espaços da intimidade produtiva de Valter Hugo Mãe, onde tem permanecido resguardada, para se mostrar muito pontualmente. É essa construção que nos é agora permitida ver.

Para além das composições colaborativas, que são fruto direto deste encontro e que se assumem como suportes artísticos e conceptuais de um diálogo que os dois artistas propõem a si mesmos e à contemporaneidade portuguesa, a presente exposição coloca também em foco a profícua e individual produção artística de Valter Hugo Mãe. Dele se apresenta a sua obra mais intimamente resguardada e de Cruzeiro Seixas aquela que, desde a fundação da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, em 2013, a tem vindo a habitar.

Para além do mais, esta exposição acabou por ser naturalmente pensada, no decurso da sua génese, também como intervenção específica que possa assinalar o 44º aniversário da Revolução dos Cravos, momento maior, libertador, da nossa história comum, com um diálogo entre estes dois autores que, de maneira muito directa, trilharam sempre caminhos de Liberdade artística, intelectual e cultural.



Cruzeiro Seixas
Personagem estudando o cometa Halley,
Tinta da china sobre papel, 29 x 19 cm, 1978

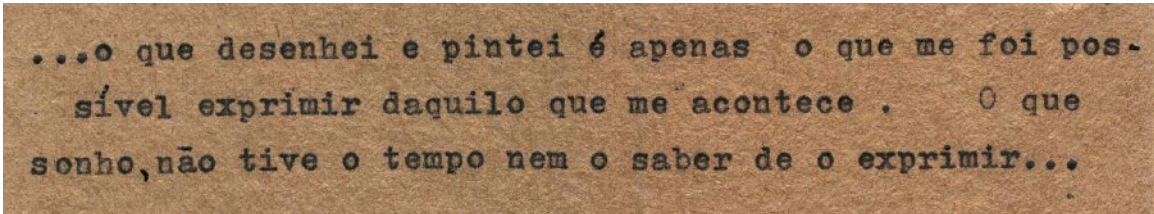
Nasceu em 1920, na Amadora. Frequentou a Escola António Arroio, em Lisboa. Em 1948 adere ao grupo “Os Surrealistas”, com Mário Cesariny, Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria, Fernando José Francisco, Fernando Alves dos Santos e Carlos Calvet. Nos anos 50 deixa Portugal e parte em direção a África, fixando-se em Angola. Com o intensificar da guerra colonial abandona África e regressa a Portugal onde produz ilustrações para a “Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica” de Natália Correia e, em 1967, inaugura com Mário Cesariny a exposição “Pintura Surrealista”, na Galeria Divulgação, no Porto. Em 1969, novamente com Cesariny, integra a Exposição Internacional Surrealista na Holanda, e durante a década de 70 mostra trabalhos seus em inúmeras coletivas do movimento surrealista internacional, principalmente aquelas ligadas ao Grupo Phases ao qual havia, entretanto, aderido. Nas décadas seguintes, depois de cortar relações com Cesariny, afasta-se dos circuitos de consagração mercantil e institucional. Fixa-se no Algarve e continua a apresentar os seus trabalhos em exposições individuais e coletivas.



Cruzeiro Seixas na sua residência actual, Casa do Artista.
Foto de Carlos Cabral Nunes, 2018

A Perve Galeria, em 2006, apresentou “Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco e o passeio do cadáver esquisito”. Esta exposição marcou o reencontro dos três artistas. Foram apresentadas obras originais realizadas entre 1941 e 2006 - ano em que realizou um conjunto inédito de 12 “Cadavres Exquis”. Em 2012 a mesma galeria apresenta a exposição antológica “Homenagem a Cruzeiro Seixas”, com obras da sua autoria, realizadas entre 1940 e 2010. Cruzeiro Seixas está representado em inúmeras coleções, de que são exemplo: a coleção do Museu do Chiado (Lisboa); Centro de Arte Moderna da

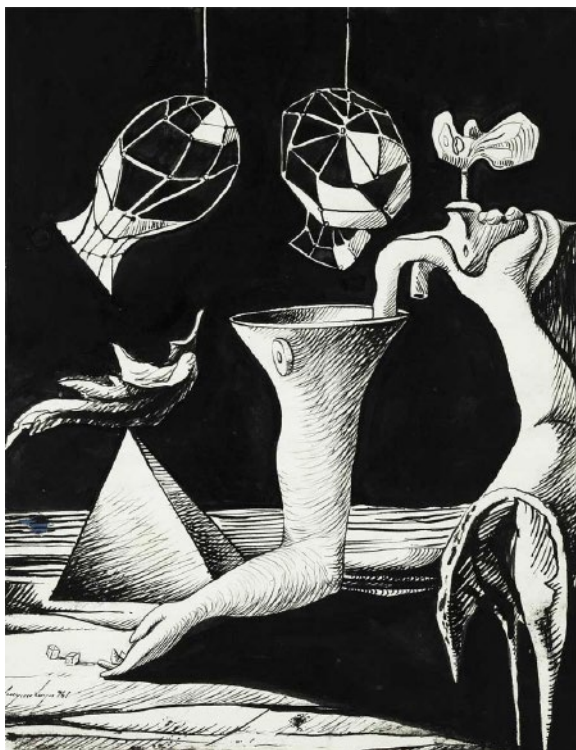
Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa); Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro; Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra); Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco); Fundação António Prates (Ponte de Sor); Fundação Cupertino de Miranda (V.N.Famalicão) ou Fundación Eugénio Granell (Galiza). A obra de Cruzeiro Seixas assume uma posição de destaque na coleção Lusofonias que ostenta um núcleo significativo de trabalhos realizados ao longo dos anos em que viveu em Angola, em especial desenhos e pinturas de forte matriz africana (não africanista ou exótica).



...o que desenhei e pintei é apenas o que me foi possível exprimir daquilo que me acontece . O que sonho, não tive o tempo nem o saber de o exprimir...



Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe
Sem Título, Técnica mista s/ papel, 50 x 71 cm, 2018



Cruzeiro Seixas
Sem Título,
Têmpera, tinta da China e técnica mista s/ papel, 21x16,5cm, 1961



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59x42cm, 2018

...nse estou muito interessado no heroísmo e na glória; o meu
apele primordial é para a consciencia...



Cruzeiro Seixas

Sem Título (A partir deste desenho foi feita tapeçaria “Manufactura Muro”),
Tinta da china e Têmpera sobre papel, 20,5 x 14,5 cm, 1956



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018

Valter Hugo Mãe é um dos mais destacados autores portugueses da atualidade. Passou a infância em Paços de Ferreira e em 1980 mudou-se para Vila do Conde.

Licenciou-se em Direito e fez uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Em 1999 foi cofundador da Quasi edições, na qual publicou obras de Mário Soares, Caetano Veloso, Adriana Calcanhotto, Manoel de Barros, António Ramos Rosa, Artur do Cruzeiro Seixas, Ferreira Gullar, Adolfo Luxúria Canibal e muitos outros.

Codirigiu a revista Apeadeiro, de 2001 a 2004 e em 2006 funda a editora Objecto Cardíaco.

A sua obra está traduzida em variadíssimas línguas, merecendo um prestigiado acolhimento em países como o Brasil, a Alemanha, a Espanha, a França ou a Croácia.

Publicou os seguintes romances: Homens Imprudentemente Poéticos, A desumanização; O filho de mil homens; a máquina de fazer espanhóis (Grande Prémio Portugal Telecom Melhor Livro do Ano e Prémio Portugal Telecom Melhor Romance do Ano); o apocalipse dos trabalhadores; o remorso de baltazar serapião (Prémio José Saramago) e o nosso reino. Hoje, todos com chancela da Porto Editora.

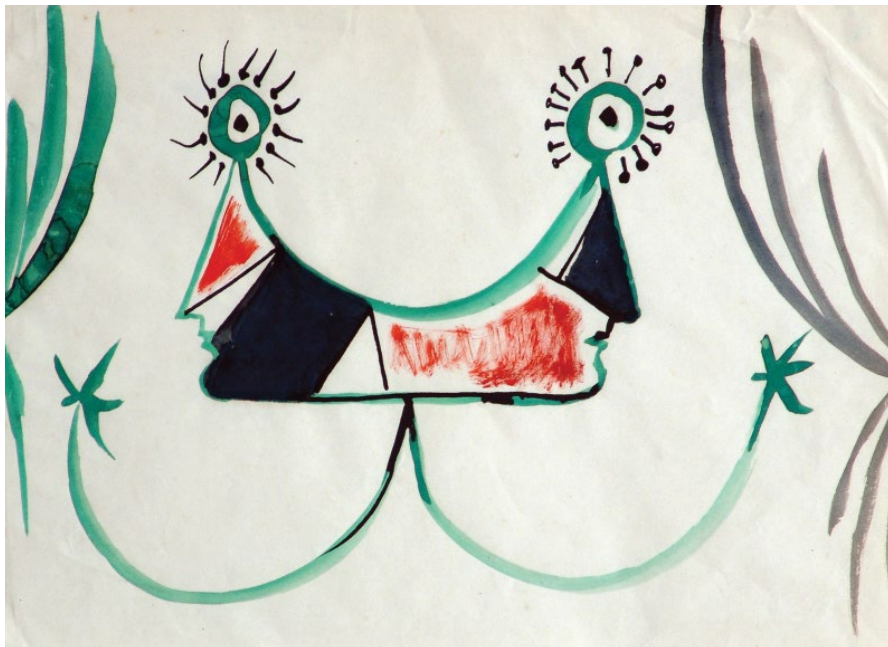
Escreveu alguns livros para todas as idades, entre os quais: O paraíso são os outros e Contos de cães e maus lobos.

A sua poesia foi reunida no volume publicação da mortalidade, com chancela Assírio & Alvim.

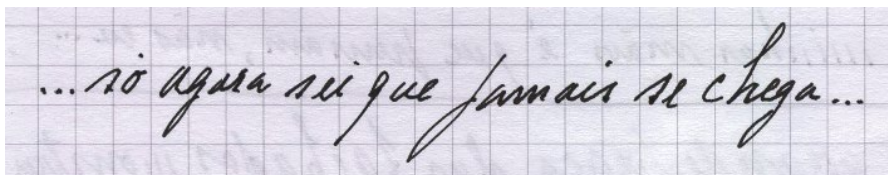
Publica a crónica Autobiografia Imaginária no Jornal de Letras.

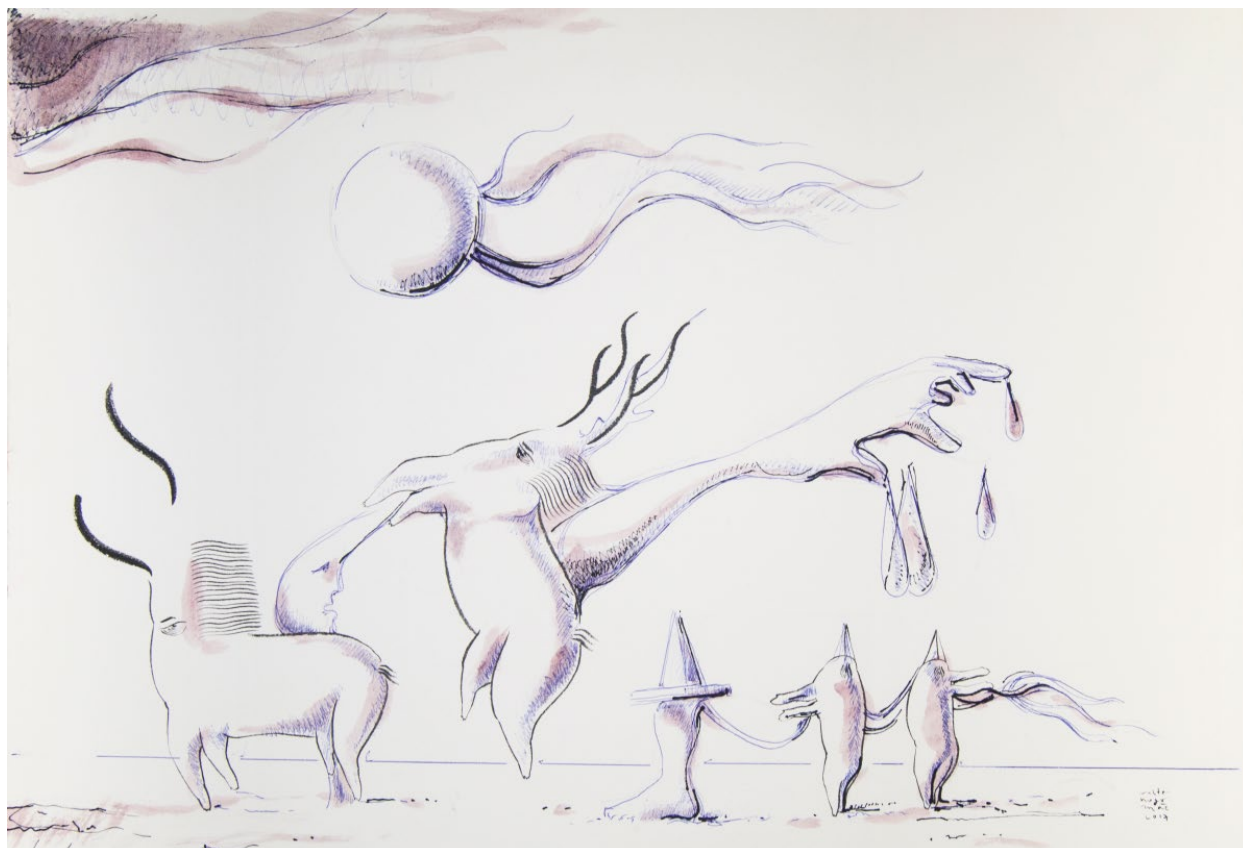


Valter Hugo Mãe por Lauren Maganete

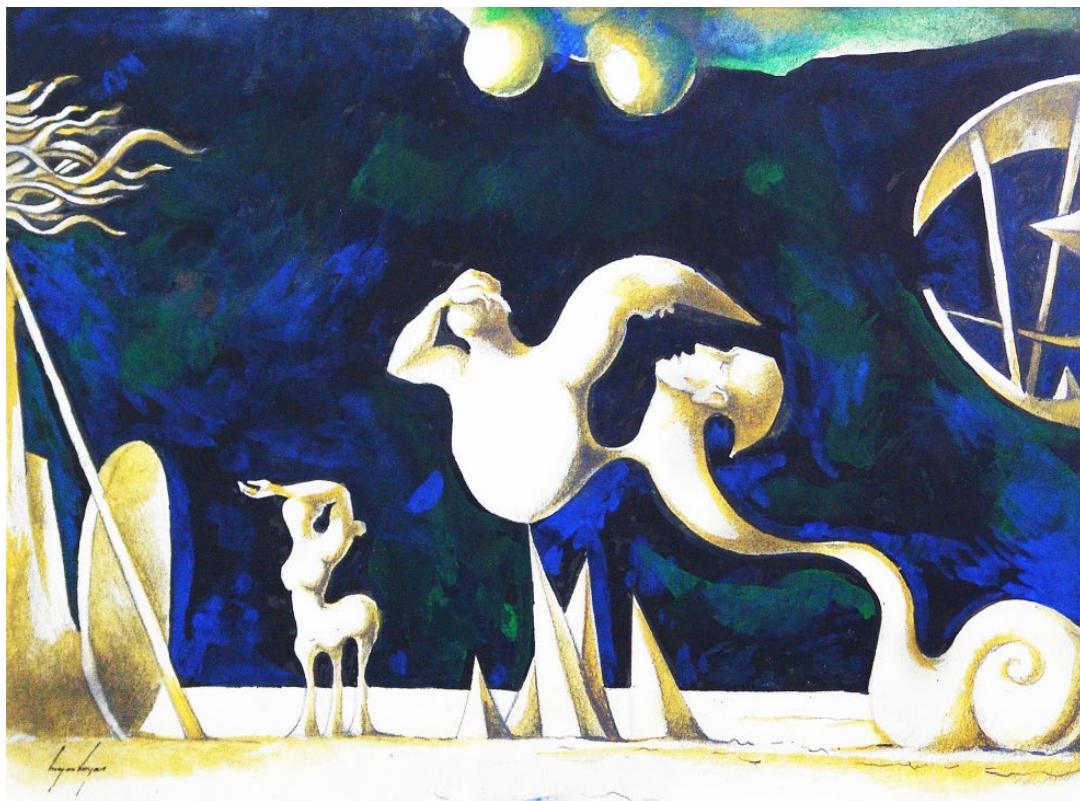


Cruzeiro Seixas
Sem Título,
Têmpera sobre papel, 20 x 30 cm, n.d. - circa 1940





Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Técnica mista s/ papel, 50 x 71 cm, 2018



Cruzeiro Seixas

Os segredos do vento (projecto para tapeçaria de Portalegre),

Têmpera e tinta da china s/ papel, 20 x 26,5 cm, 2004

Ciclo da Boca

um.

*há um verbo extremo para
cada instante
um certo vocábulo final
que impede a vocação do tempo*

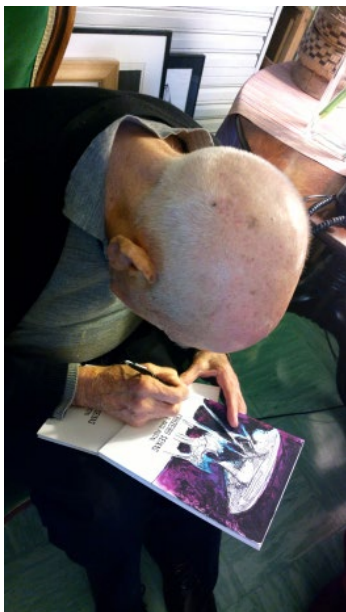
*algumas bocas nascem da
palavra à espera
formam-se dessa matéria
quase impossível que no entanto
cria
depois só há depois da criação*

*pequenos animais podem ser
pressentidos na espessura de uma palavra
ou haverá apenas a impressão do luto
cada palavra mata
sua boca é sem regresso*

Valter Hugo Mãe



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018



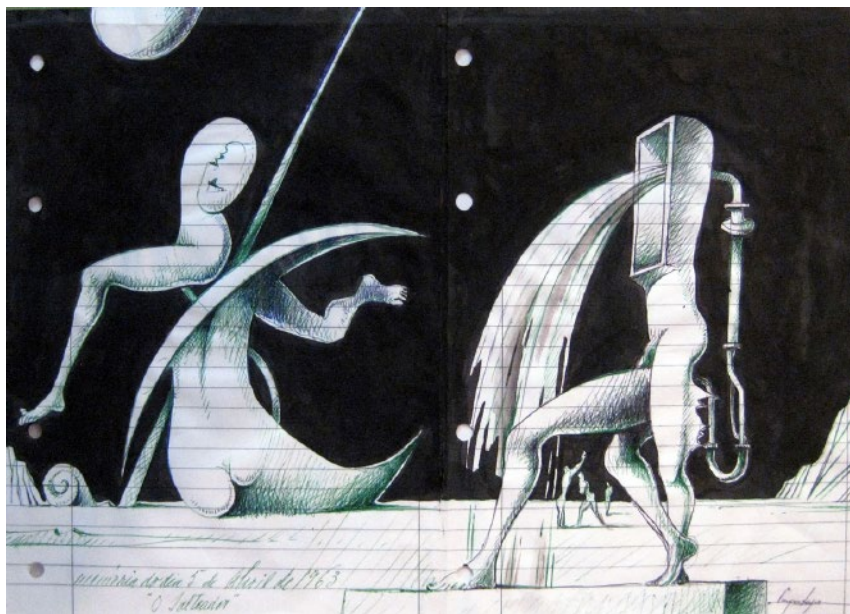
Cruzeiro Seixas assinando o políptico realizado nas capas de catálogo da exposição sobre a sua Arte Postal.



Cruzeiro Seixas

Políptico, Intervenção s/ cartão - capa de 3 catálogos da exposição Arte Postal, realizada na Universidade de Évora, 22 x 16 cm (cada), 2017

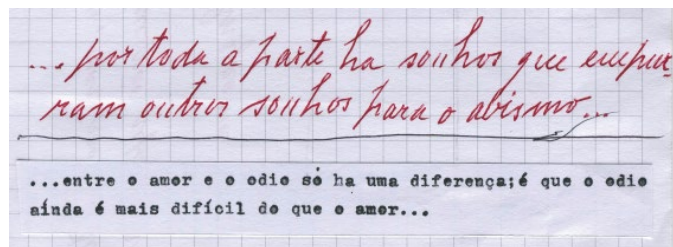




Cruzeiro Seixas

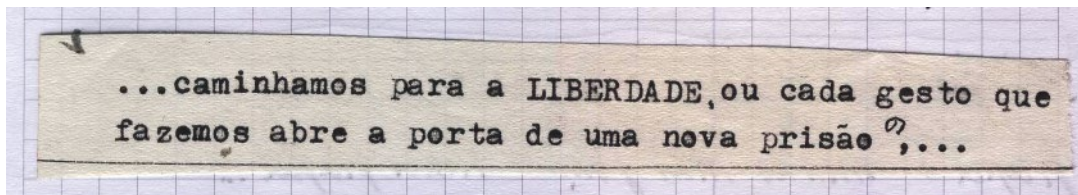
O saltador - memória do dia 5 de Abril de 1963,

Têmpera sobre papel, 22 x 31 cm 1996





Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018





Cruzeiro Seixas

Duas figuras com rugas,

Tinta da China s/ papel, 20x16,5cm, n.d. - circa 1940

...o mar, as grandes viagens, as florestas, as montanhas e gentes
com duas pernas, com dois braços, mas ligeiramente diferentes--
tudo isso existe dentro de mim...



Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Técnica mista s/ papel, 50x71cm, 2018



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel,
50 x 71 cm, 2018

dois.

*há uma ossatura de cristal
para as grandes traições
uma morte infante que
se ergue em qualquer idade
estendida pelo interior para
substituir o sangue e parar*

a criança morta pára o mundo

*ao sol mais claro
pela carne podem cintilar os ossos
modo de tristeza profunda
que acesa se pendura nos tectos
em troca dos candeeiros*

*à traição
acesa a criança morta suspende como candeeiro*

Valter Hugo Mãe



Cruzeiro Seixas
Sem Título,
Têmpera sobre cartão, desenho no verso
(oval) aprox.: 32,5 x 23,5 cm, 1966



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018



Cruzeiro Seixas

...nascente das palavras e da poesia,
Têmpera e tinta da China sobre papel,
25,5 x 16 cm, n.d. - circa anos 60

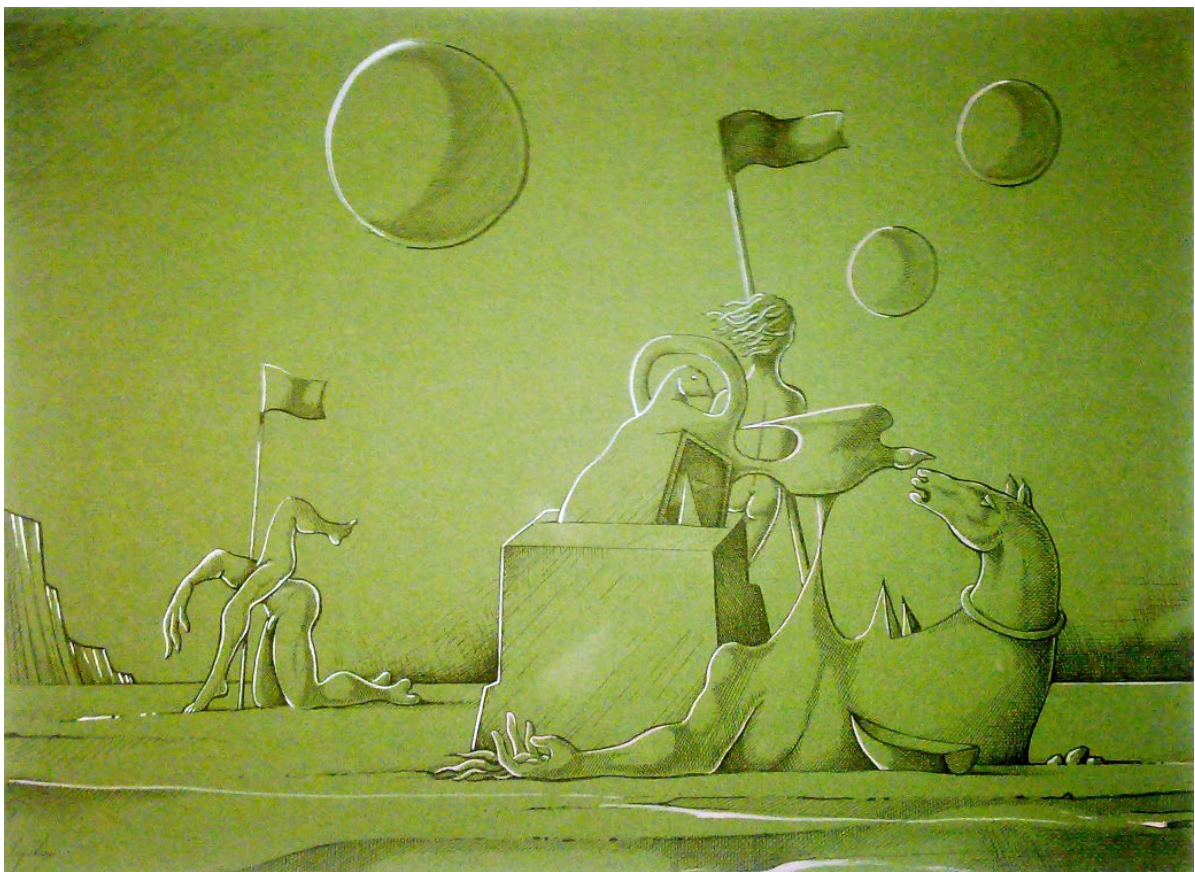


Cruzeiro Seixas
Sem título,
Técnica mista, 21 x 34 cm, 1978

... não me faltam projectos para além da minha
morte...



Valter Hugo Mãe
Sem Título, Tinta da China s/ papel,
59 x 42 cm, 2018



Cruzeiro Seixas

Duas ilhas,

Têmpera e tinta da china s/ papel, 31,5 x 43,5 cm, 1978

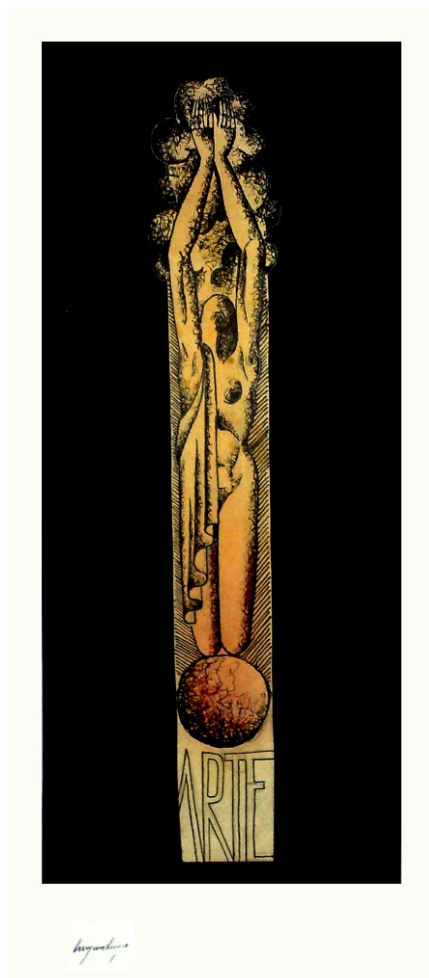
três.

*há uma coisa indizível
pousada sobre a garganta
motivada a atacar
uma coisa nervosa de bulício mínimo
como um nervo do próprio corpo
mas de natureza diferente*

*pequenos animais parasitam
a voz dizia eu
não sei se digo o que me
obrigam*

*no encontro
animais e garganta se confundem
deitam sobre os outros em fuga
matam no caminho
ao caminho de quê*

Valter Hugo Mãe



Cruzeiro Seixas

Arte,

Tinta da china e Têmpera sobre papel,
25 x 6 cm, n.d - circa 1940



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018



Cruzeiro Seixas
Projecto de Farol,
Têmpera e tinta da china s/ papel, 40,5 x 28,5 cm, 2000



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018



Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Técnica mista s/ papel, 50 x 71 cm, 2018

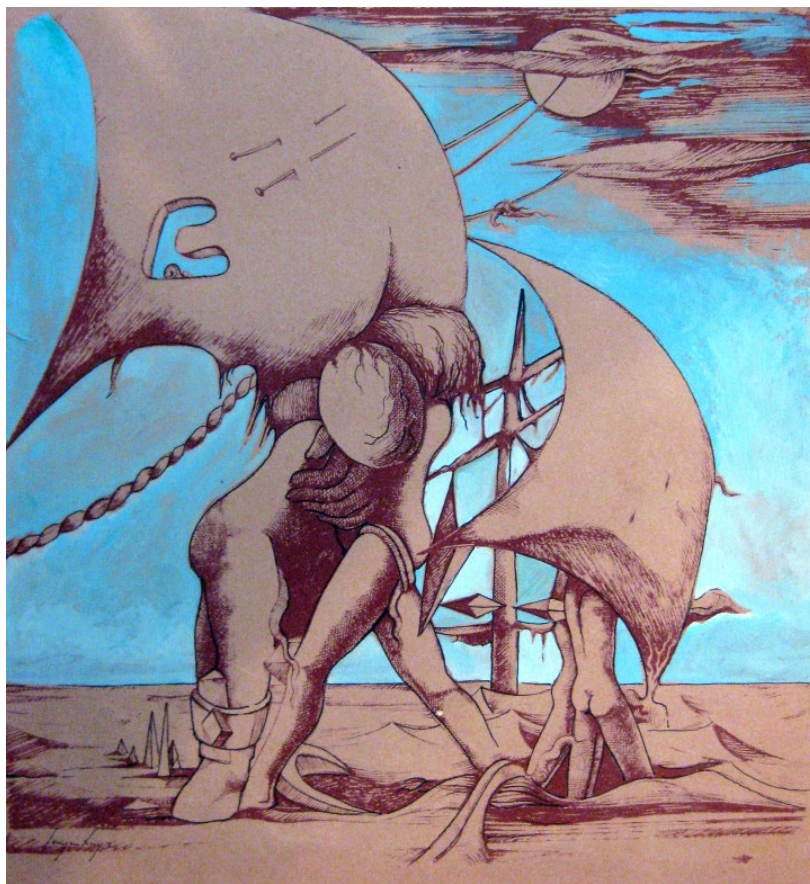


Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018

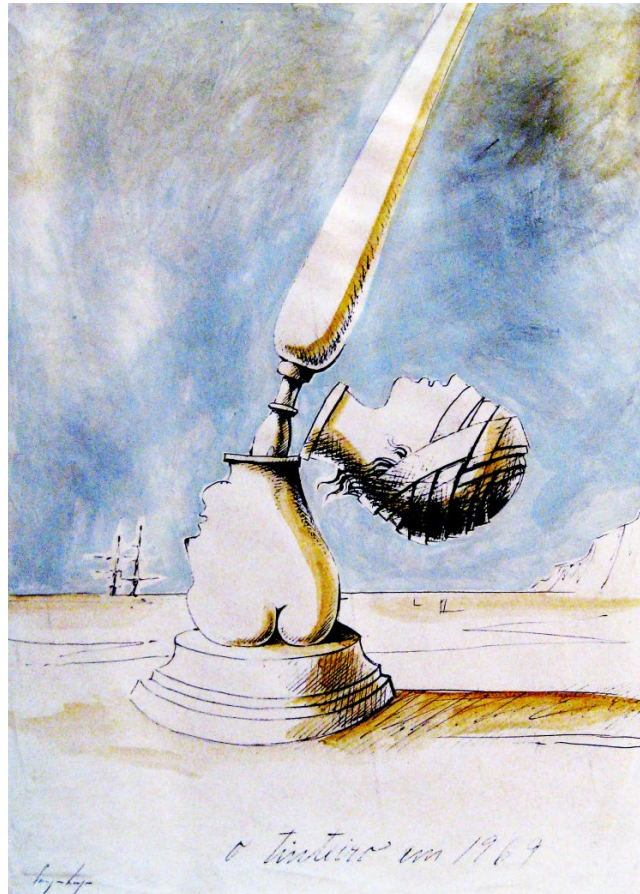
...infelizmente não consigo evitar uma certa forma
de orgulho na minha imensa dramática solidão; sei que
estou a suportar estupidamente o insuportável. Es-
tou num momento da vida em que a morte é exactamente
tão difícil quanto a vida...



Cruzeiro Seixas

Sem Titulo,

Têmpera e tinta da china s/ papel, 30,5 x 32,5 cm, n.d. - circa 1960



Cruzeiro Seixas
O Tinteiro em 1969,
Têmpera, tinta da China e técnica mista s/ papel
30 x 21,5 cm 1969

quatro.

*o vocabulário
insulta a matéria
desimportada de comparecer
chamada de modo vão*

*o tempo haverá de passar também
por cima de tudo quanto se falar
até que se instale a mudez
discurso maduro*

Valter Hugo Mãe



Cruzeiro Seixas

As árvores de um outro mundo,
Têmpera e tinta da China s/ papel, 21x45cm, n. d.



Cruzeiro Seixas
Sem título (frente e verso),
Grafite, tinta-da-china sobre papel,
29,5 x 20,5 cm, 1957



Cruzeiro Seixas
Estudo para um desenho perdido,
Tinta da china sobre papel,
29 x 39 cm, n.d. - circa 1950

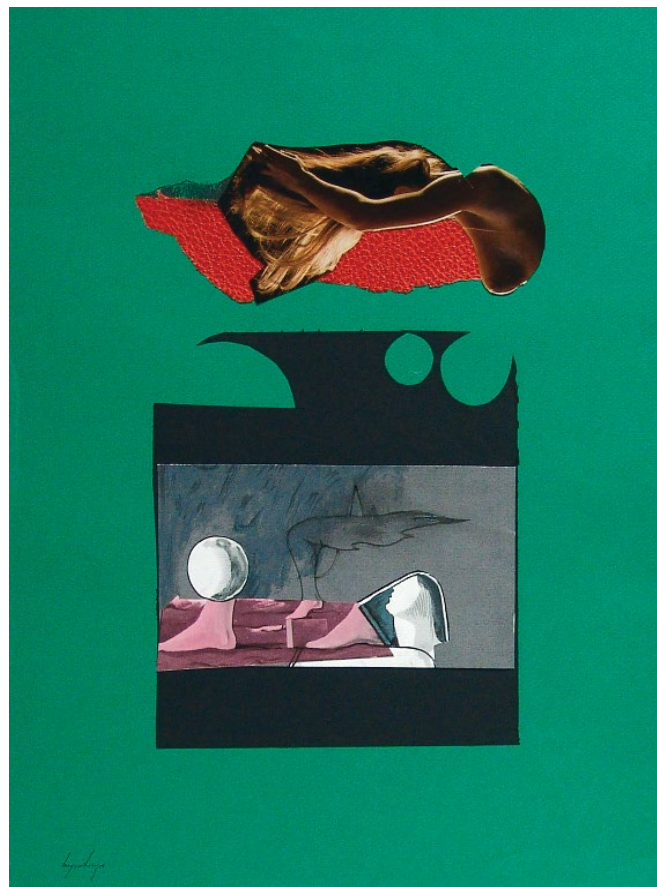
...infelizmente não consigo evitar uma certa forma
de orgulho na minha imensa dramática solidão; sei que
estou a suportar estupidamente o insuportável. Es-
tou num momento da vida em que a morte é exactamente
tão difícil quanto a vida...



Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Técnica mista s/ papel,
50 x 71 cm, 2018



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel,
59 x 42 cm, 2018



Cruzeiro Seixas
Sem título,
Técnica mista,
41,3 x 32 cm, n.d. - circa 1980



Cruzeiro Seixas
Sem Título,
Têmpera sobre papel, 22 x 21 cm, n. d.



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018



Valter Hugo Mãe
Sem Título,
Tinta da China s/ papel, 59 x 42 cm, 2018

EFREUS *ou um lugar na história do planalto*

Como adjetivar a obra, o ser que dela se fez, a um mesmo tempo, servo e senhor, a candura da idade avançando, inquebrantável, a lucidez em todos os dias, quando tudo parece haver sido dito já, muitos anos antes de um qualquer sopro de ar invadir, iluminar, primevo, a existência de quem se aventura a querer fazê-lo?

Assim será a dúvida, ante a ousadia, de quem tenta descrever esse mago noturno, Artur, que é Seixas depois de ser Cruzeiro, levando-nos nas infinitas mãos laboriosas, como desenhos seus, rumo a um porto sempre desigual, ora abrigando, ora tempestuoso de reflexo turvado, alcalino, acidez rubra desfazendo-se pelas frestas, cheiro de mar, rumor feérico no deserto.

A devoção tem, desse olhar, uma mesma identidade gelada, um ruborizar de afetos sentidos, uma inexplicável contaminação silenciosa. Instinto atroz na ferocidade das coisas, dentro das coisas que não, nunca, foram iguais. A escrita é uma invenção velha, gasta, as letras formando-se, não já corpo do poema, apenas metástases de um tudo dito informe que nada remedeia, sequer assoma a um alpendre d'alma, que o seja.

Agrada-me a vastidão do mar, dentro do mar que quero. Ali o vejo distante, intocável, sereno. Num rugido que se fez súbito, ameaçando: o mar.

...



Cruzeiro Seixas

Sem Título,

Tinta da china e Têmpera s/ papel, 28x19cm, n.d - circa 1970

Pleno de citações, o texto-poema ancorado numa escrita milenar, evocando imagens, definições inscritas num acrónimo revelador, qual povo existi(n)do, EFREUS, não mencionará dono algum, sequer estátua marmorizada, ténue fogueira onde labaredas vivas resistam. Tudo se fazendo ausência e pó quando, por diante, um retrato grande, iluminado e, ao fundo, chegado de madrugada, o espelho alto onde delícias, invertendo o curso dos rios, cintilam.

Far-se-á assim, como um desenho-Artur, meticulosamente edificado, traço-por-traço, vívido, saindo - mas sim, saindo para o centro do peito com as palavras todas rodando vertigem e fome, no desespero alado de quem quer e tenta dizer hoje mas sonhando, deseja fazer-se manhã, amanhã.

Na noite de núpcias, onde pavões preguiçosos aquecem longas penas, lânguidos, despertam-se cinco caminhos, como sagas enegrecidas, como pontas d'estrela única onde várias vozes ecoam, entrecortadas pelo ruído da savana. Assim seria o que a memória diz, quando imaginada a esta distância das Áfricas percorridas pelo já entronizado Artur, astro-rei enfim libertado, cinemático. Mas far-se-á sem que o saibamos, núcleo redentor do poema-peixe, da mulher-homem atemorizada pelas grandes alavancas metálicas onde grilhetas arrastam, ora suspendem,

almas empedernidas com esferas rodopiando por baixo e, ao longe, uma paisagem crepuscular lembrando que somos nós, ali, seres minúsculos ao fundo, estáticos, liminares, desconhecedores ainda e sempre do mistério por revelar. Qual caminhada interminável em avenidas preenchidas de infância onde mito, um mito que omito, se faz coisa-pessoa, carne e ossos remoendo. Um degrau mais, nisto, nesta existência porvir desencarnada que partilhamos, viventes, com seres indómitos, aliados, seculares.

...

Apetece ainda e só um instante mais para dizer, afirmada a perenidade da obra, enlevada a criança que a espreita, ante a prova, reiterada a magnitude do gesto fundador, a eloquência do verbo explodido na boca, veias e nervo num torpor: bem-vindo de volta a esta Casa que tomamos por nossa enquanto a Liberdade for possível e o Mário continuar por aqui, qual padroeiro de naufragos e de ilustres sonhadores. E bem-vindo contigo, Cruzeiro saído há muito de parte incerta, já noite, Valter que és Hugo e Mãe, a um mesmo tempo, e te deixaste sem custo guiar por sombras dispersas nas paisagens de neblina inebriante. Esta é e será a nossa Casa comum, libertária, mesmo quando este for tempo apenas de rememoração doutrem, frase grande ou pequena do já não vivido. Aí permaneceremos, insólito momento de carne-verdade, sólida ternura, união fraternal.

Carlos Cabral Nunes, Abril 2018



Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe
Obra colaborativa, sem título,
Ed. 200 ex., 35 x 50 cm 2018

Ficha Técnica

Conceito e Curadoria
Carlos Cabral Nunes

Direção Executiva
Nuno Espinho

Comunicação
Graça Rodrigues
Viktoriya Zoriy

Design Gráfico
CCN & Nelson Chantre

Montagem
Marta Ribeiro

Direção artística e Produção
Colectivo Multimédia Perve

Impressão
Perve Global, Lda

Texto de Introdução
Carlos Cabral Nunes com Graça Rodrigues e Viktoriya Zoriy

Desaforismos (edição fac-similada) de **Cruzeiro Seixas**

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Rua das Escolas Gerais 13
Alfama, 1100-218 Lisboa

www.pervegaleria.eu
galeria@pervegaleria.eu
Horário: 3ª a sábado das 14h às 20h
tel. 218822607/8 - tm. 912521450

Transportes: Metro Stª Apolónia
[Linha Azul]; Eléctrico 28
Estacionamento: Lgº Igreja S.
Vicente de Fora; Lgº Feira da Ladra
[excepto 3ª fª e sábado]

Apoio:



Cruzeiro Seixas
Sem Título,
Têmpera s/ papel,
24x32cm, 2005

